

BRINCANDO COM BRINQUEDOS NÃO BRINQUEDOS: UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID- EDUCAÇÃO INFANTIL

STHEFANIE LAUTENSCHLAGER PEVERADA¹; MÁRCIA ELIANE OLIVEIRA²;
MARCELO OLIVEIRA DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – *sthefanie221112@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *marciaeliansilvaoliveira@gmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *moliveiras@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O brincar nas infâncias é uma fonte para o desenvolvimento integral das crianças, em que realizando tal ato ela percebe a si mesma e aos outros, cria a sua própria visão das coisas que as cercam, estimulando a criatividade, a imaginação, a atenção, a memória, recriando situações e inventando novos contextos. De forma mais profunda, podemos considerar a brincadeira com brinquedos não brinquedos, ou seja, aqueles que não são os convencionais, brinquedos que não foram concebidos inicialmente para serem brinquedos como sendo relevante para o desenvolvimento pleno da criança, justamente por potencializar a experiência do brincar

Nesse sentido, este estudo tem por intuito apresentar brinquedos não brinquedos (não estruturados) e como eles podem estimular a criatividade e imaginação na descoberta com a brincadeira em conjunto com o brincar livre. Buscamos mostrar que o brinquedo que já é estruturado não estimula tanto o criar, o imaginar e o inventar da criança, uma vez que já foi criado para um fim específico. Em nossa proposta, utilizamos no campo de estudo os brinquedos não brinquedos e o cesto dos tesouros, que engloba vários brinquedos não convencionais. Para o cesto “são selecionados objetos com diferentes pesos, temperaturas, formas, cores, sons e consistências” (SILVA, 2016, p.10).

Pensamos na visão de um brincar com o mínimo de influências dos adultos, denominado como o brincar livre que, segundo a visão de Ferreira et al (2022, p.47), “se fundamenta na possibilidade de a criança escolher e descobrir suas brincadeiras com a menor interferência possível”. Utilizamos como base no decorrer da nossa prática essa forma de brincar com o mínimo de intercessões dos adultos. Traremos os brinquedos não estruturados ou brinquedos não brinquedos que são aqueles que não foram feitos para serem considerados como tais:

Os brinquedos não brinquedos são objetos cotidianos que colocamos a disposição da criança para que ela invente a sua própria brincadeira: palitos, botões, rolos de papel higiênico, rolhas, barbante, caixas, embalagens, dentre muitos outros (FERREIRA et al, 2022, p.22).

Como base, serão utilizados autores como Ferreira et al (2022), Silva (2016), Goldschmied e Jackson (2008), que utilizam a perspectiva de uma infância com um desenvolvimento integral, o brincar de forma livre e espontânea e a utilização de brinquedos não convencionais para potencializar a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento infantil.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é fundamentado em uma pesquisa qualitativa que foi utilizada para produzir dados a partir de intervenções na escola. Denzin e Lincoln (2006, p. 17) asseguram que a pesquisa qualitativa é uma atividade que faz o observador se localizar no mundo, ela consiste em um conjunto de práticas materiais e de interpretação que dão visibilidade as pessoas e essas práticas transformam o mundo em uma série de representações. Ademais, os autores defendem que, nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles dão.

Nosso cenário de estudo é a Escola Municipal de Educação Infantil Mário Osório Magalhães, pertencente à rede pública da cidade de Pelotas, RS, mais especificamente, em uma turma de berçário com doze crianças, com idades entre seis meses e dois anos. Nossas práticas e propostas com a turma de berçário acontecem a partir da nossa vinculação ao Programa Institucional de Bolsas à Iniciação da Docência (PIBID). Vale destacar que todas as crianças receberam nomes fictícios e a idade de cada uma delas estará entre parênteses no decorrer do texto.

Para a produção de dados utilizamos a escrita dos registros em nossos diários, que é uma fonte de documentação pedagógica importante para, segundo Zabalza (2004), servir à reflexão posterior da própria professora, constituindo-se como fonte de retorno constante sobre sua prática, além de utilizarmos registros fotográficos e vídeos. Ainda para Zabalza (2004, p. 17), “os diários permitem aos professores revisar elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção, enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho”. Assim, quando anotamos nossas vivências no diário, elas ficam organizadas e conseguimos ver aquela experiência de forma mais ampliada e profunda, além de aperfeiçoar a prática por meio da reflexão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira vez que levamos o cesto dos tesouros, as crianças sentiram-se convidadas a brincar e logo começaram a investigação dos materiais do cesto. Elas pareciam questionarem-se: O que é isso? Para que serve? O que posso fazer com isso?. Logo, investiram através do tato, paladar, audição e visão. Após conhecerem os objetos propostos fizeram uma seleção do que as interessavam e começaram a criar suas brincadeiras a partir dos brinquedos não brinquedos. Como, por exemplo, dois pedaços de madeiras viraram baquetas nas mãos de Marcos (1.5); já o Caetano (1.6) escolheu um pote de madeira, um colar de contas e uma colher e, assim, fez a sua comidinha; Marcelina (1.2) pegou o cesto e o colocou na cabeça, como se fosse um chapéu; Olga (1.7) pega um dos cestos também e sai com Caetano para fazer as compras.

Cabe ressaltar que os mais novos focaram em levar os objetos a boca e descobrir as suas texturas. Algumas das crianças ressignificaram a utilidade dos objetos como foi dito, outras usaram da forma convencional, como: Joaquim (1.10), escovava o cabelo de Fernando (1.6) com a escova que havia no cesto; Manuela (1.10) admirava-se no espelho; Isadora (1.1) vestiu o colar de contas e Joaquim reconheceu um gatinho na capa do bloco de anotações.

Já na segunda vez que propomos o cesto, com intervalo de um mês entre a primeira, notamos que eles se envolveram muito mais com os objetos propostos. Marcelo (0.8) investigou através do tato e do paladar varetas de madeira. Mariana

(0.7) investiu sua descoberta com o paladar em um chocalho de madeira e em seguida usou o tato para experienciar o novelo de lã. Marcelo e Mariana eram os dois bebês que estavam presentes no dia. As crianças maiores, como Isadora que fez um pincel virar um violão, Manuela e Olga utilizaram uma cesta e um balde com objetos como se fossem umas bolsas e Marcelina que fez um pequeno espelho virar um celular.

Segundo Ferreira et al (2022), os brinquedos que não são estruturados podem assumir variados usos, como: um pedaço de madeira pode virar um carro, uma casa, um boneco ou um banco. Isso significa que a criança ao utilizar-se desses materiais utiliza sua criatividade e imaginação, já que precisa pensar a finalidade que dará para tal objeto.

Ao observar proximamente um bebê com os objetos contidos no Cesto dos Tesouros, podemos perceber quantas coisas diferentes ele faz com eles, olhando, tocando, apanhando-os, colocando-os na boca, lambendo-os, balançando-os, batendo com eles no chão, juntando-os, deixando-os cair, selecionando e descartando o que atrai ou não (Goldschmied; Jackson, 2008, p.115).

Para utilizarmos o cesto, consideramos que o brincar livre é estreitamente vinculado a tal proposta, já que não se deve interferir no que a criança está fazendo, assim essa forma de perceber a brincadeira é entendida como “[...] uma oposição a uma brincadeira dirigida, na qual todos devem seguir uma série de regras criadas pela professora ou pelos adultos” (FERREIRA et al, 2022, p.47).

Na montagem do cesto, adaptando as ideias de Silva (2016), usamos no cesto objetos naturais, de madeira, de metal, utensílios de cozinha, com aspecto áspero, papel, papelão e plástico. Percebemos que quando as crianças têm a oportunidade de utilizarem esses materiais “sentem um grande impulso de explorar e descobrir por si mesmas a maneira como os objetos se comportam no espaço quando são manipulados por elas” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p.148).

Desse modo, conforme Silva (2022) apresenta, em meio a concorrência com os dispositivos eletrônicos e brinquedos comprados, o brincar com brinquedos não estruturados traz benefícios. Podemos citar alguns como a exploração de materiais, maior concentração na brincadeira, conseguir fazer escolhas, explorar as possibilidades de combinações, ou seja, o que cabe dentro, o que é maior, menor ou que encaixa, construir e derrubar, criar desenhos, artes e instalações. Ainda brincar com parte soltas, que quando movimentadas trazem inúmeras possibilidades, entrar em contato com a natureza, tanto pelo brincar com elementos naturais ou na própria natureza. Assim, “desenvolver melhor sua capacidade de coordenar olho, mão e boca” (MAJEM; ÓDNA, 2010, p.11) e fortalecer sua motricidade fina com os movimentos de pinça que serão fundamentais por toda vida.

4. CONCLUSÕES

Podemos entender que, a partir de nossa prática com os bebês e as crianças bem pequenas na turma de berçário, nossos estudos e nossas reflexões que a visão da sociedade capitalista e consumista cujo princípio é idealizar que quanto mais caro um brinquedo pronto é, mais desenvolvimento propõe à criança. Compreendemos que a ideia apresenta equívocos, pois os brinquedos comprados já têm uma funcionalidade estipulada, não estimulando às crianças a

potencializarem suas brincadeiras, afetando o seu desenvolvimento pleno e integral na infância.

O brincar com brinquedos não brinquedos propicia a interação entre as crianças, mesmo que elas ainda não as verbalizem, elas se entendem pelo olhar e brincam por muito tempo. Aprendem também a trocar os materiais, e, por vezes, ressignificam o uso de um objeto que o outro estava utilizando de forma diferente. Ademais, enquanto observávamos as crianças e prestávamos atenção nos detalhes do que elas faziam, elas pareciam sentir mais segurança. E, por vezes, olhavam e pareciam querer nos contar do que estavam brincando, outras olham apenas para conferir se ainda estamos ali presentes para elas, como que buscando certa aprovação ou confirmação da nossa presença plena e nosso olhar atento

Essa proposta, com objetos do cotidiano, desperta também a coragem em trocar as brincadeiras e materiais para recomençar o brincar, com novas experimentações. Por fim, consideramos promissora a ideia de utilizar os brinquedos não brinquedos nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, com grandes possibilidades de aprendizados para as crianças. A partir de nossa experiência no PIBID, podemos verificar na prática os princípios do brincar livre e da brincadeira com objetos do cotidiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.. Introdução: A disciplina e a prática de pesquisa qualitativa. In: **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artes, 2006., p.15-41.

FERREIRA, A.C.; DANIEL, C.; MALAVOLTA, G.A.; SILVA, M.O. **Brincando com brinquedos não brinquedos**. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

GOLDSCHMIED, E. JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creches**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MAJEN, T.; ÓDNA, P. **Descobrir Brincando**. São Paulo: Autores associados, 2010.

SILVA, M. R. P. **Cesto dos Tesouros: entre encantamentos, surpresas e descobertas**. Rio de Janeiro: Albatroz, 2016. Online. Disponível em: https://editoraalbatroz.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Ebook_Cesto-dos-Tesouros_COPYRIGHT-3.pdf Acesso em: 12 ago. 2023.

ZABALZA, M. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.